



# HOMOFOBIA NA ESCOLA: PROBLEMATIZANDO GÊNERO E SEXUALIDADE ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Luan Layzon Souza Silva\*

Francisco Francinete Leite Junior\*\*

\* Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO

\*\* Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Graduado em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e Graduado em Psicologia pela Faculdade Leão Sampaio (FALS), possui Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional (KURIUS), História Social (URCA), Gestão Escolar (FJN) e Metodologia do Ensino Fundamental (FJN). É Integrante do Geni - Grupo de Estudos sobre Gênero, Sexualidade e Interseccionalidades na Educação e na Saúde (UERJ) e do LIEV - Laboratório Interdisciplinar de Estudos da Violência (FALS). Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio.

*PALAVRAS-CHAVE. Homofobia. Gênero. Sexualidade. Escola.*

**RESUMO:** Para além do ensino e aprendizagem, a Escola, sob a perspectiva do Plano Nacional de Educação (2014-2024), deve ser cultivadora de socialização, proporcionando espaços seguros para que aconteçam encontros, desencontros, contatos, comunicações e diversidades. Longe dessa realidade a Escola contemporânea compõe uma rede de mecanismos sociais de formação de sujeitos e apresenta-se como um lugar restritivo que, na maioria das vezes, não cumpre com seu papel de cultivadora da diversidade, agindo pelo cumprimento de suas normas e regras socialmente construídas, colocando à margem todos aqueles que não se enquadram em seus ideais. O presente trabalho objetivou problematizar gênero e sexualidade no contexto escolar com foco nas questões em torno da homofobia, apresentando-se enquanto uma pesquisa de abordagem qualitativa e natureza exploratória, sob a forma de pesquisa-intervenção. Para tanto, foram realizadas oficinas em uma escola de ensino médio da cidade de Juazeiro do Norte-Ceará. Os dados obtidos foram organizados em categorias, tais como as experiências de gênero e sexualidade dentro da escola e a homofobia, construindo-se, por fim, uma análise desse conteúdo. Para tanto, conclui-se que as vivências de gênero e sexualidade na escola estão pautadas em medo, sofrimento e violação de direitos, onde não existe espaço favorável para a discussão de tais temas ou vivências de tais experiências.

## 1 INTRODUÇÃO

As lutas pelos direitos das mulheres, os fatos que desencadearam o surgimento e o amadurecimento do feminismo no século XX provocaram na sociedade discussões acerca dos aspectos sociais e as representações construídas sobre os sexos, apresentando o conceito de gênero, trabalhando os papéis de homem e mulher não sob um viés reducionista. Onde se levava em consideração apenas aspectos biológicos como construção social e componente da identidade dos sujeitos, sendo plurais e diversas as formas de representação e de experiências quanto ao ser homem e ao ser mulher. Atrelado a esses debates emergem também discussões sobre como as pessoas vivenciam sua sexualidade, percebendo a relação entre o conceito de identidade sexual com o de gênero, entendido também, como algo inacabado e em construção.

A partir da segunda metade do século XX, as questões sobre e em torno de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros, Travestis (LGBT) e todas as modalidades identitário/sexuais desviantes do modo hegemônico representado pela heterossexualidade compulsória passaram a auferir um crescente espaço sendo evidenciados frente a sociedade trazendo repercussões muitas vezes não favoráveis para essa comunidade discursiva vista pela sociedade como minoria.

Com o que fora construído sobre e em torno da comunidade LGBT, as representações sociais acerca das pessoas LGBT está pautada na diferenciação construída historicamente entre um “eu civilizado” e um “eu selvagem” que por sua vez seriam as raízes dos conceitos de aceitável e inaceitável (BORRILLO, 2011). A Sociedade, baseada na ideia biológica e reducionista de sexualidade<sup>1</sup>, demonstra que esta se construiu em espaços heteronormativos, onde aqueles que não se enquadrassem a norma se tornariam a margem. A violação dos direitos a diversidades sexuais e de gênero, são percebidas como homofobia (UNESCO, 2013).

Os diversos mecanismos existentes na sociedade, a saber: política, religião e ciência, que ensinam formas de viver e são construtores de sujeitos, ao longo da história, colaboraram ou colaboram para a conservação da ideia de que a pessoas não heterossexuais e de gênero não esperado socialmente estão no campo do anormal, abrindo espaço para a manifestação e manutenção da homofobia (FELIPE; BELLO, 2009). A escola, como um desses espaços de socialização, apresenta para além de ensino e da aprendizagem dos conteúdos escolares, espaços de encontro das diversidades e vivências de subjetividades, sendo que isso nem sempre acontece, apoiando-se no pensamento heteronormativo socialmente aceito.

As discussões sobre gênero, sexualidade e homofobia, além das intervenções, coletas e análises de dados apresentados

1 Sabe-se que a ideia biológica e reducionista de sexualidade é algo bastante complexo, pois o "determinismo biológico" "vai além da diferenciação entre vaginas e pênis, invade os corpos e os regula conforme a biopolítica que nos incita a pensar como esta age sobre os corpos transformando-os. Tais intervenções somente são possíveis atualmente devido as tecnologias, que se mostram presentes no cenário atual.



nesse trabalho, configuram-se de valia a todos os profissionais que circulam dentro dos ambientes escolares, buscando apresentar a escola não só como um mecanismo de ensino e aprendizagem, mas como um espaço de vivência de subjetividades e respeito a elas. Problematicar é gerar diálogos, aprendizado, respeito aos Direitos Humanos e às subjetividades, as discussões contidas nesse estudo podem somar-se a vida acadêmica e profissional das pessoas, além de contribuir com o campo crescente no âmbito da Psicologia.

Os dados disponibilizados pela Secretaria de Direitos Humanos (SDH) da Presidência da República sobre a violência homofóbica de 2012, apresenta análises feitas a partir dos dados provenientes do Disque Direitos Humanos (Disque 100). As estatísticas analisadas referem-se às violações reportadas, não correspondendo à totalidade das violências ocorridas cotidianamente contra LGBT, uma vez que grande parte das infrações não são notificadas formalmente e com isso criam um retrato inverossímilante.

Segundo o estudo, em 2012, foram registradas pelo poder público 3.084 denúncias de 9.982 violações relacionadas à população LGBT, envolvendo 4.851 vítimas e 4.784 suspeitos. Em relação a 2011 houve um aumento de 166,09% de denúncias e 46,6% de violações, quando foram notificadas 1.159 denúncias de 6.809 violações de direitos humanos contra LGBT, envolvendo 1.713 vítimas e 2.275 suspeitos.

Para tanto, esta pesquisa parte da seguinte problemática: Como os estudantes do Ensino Médio vivenciam gênero e sexualidade dentro da escola? Apresenta-se como objetivo problematizar gênero e sexualidade naquele ambiente com foco na homofobia, buscando-se compreender os devidos conceitos aplicados no contexto escolar.

## 2 GÊNEROS, SEXUALIDADES E HOMOFOBIA: DISCUTINDO A DIVERSIDADE

Problematizar gênero e sexualidade com foco nas questões voltadas para a homofobia, vão além de analisar conceitos e seus respectivos períodos históricos, mas sim agregar práticas discursivas ou não. Tal fato faz o objeto de estudo adentrar as noções de “verdadeiro” e “falso”, constituindo-o como conhecimento agregado ao pensamento, levando a algo que ultrapasse o limite do mesmo, proporcionando uma vivência do pensar (FOUCAULT, 1978). Mesmo entendendo que problematizar vai além, é imprescindível conhecer conceitos e apropriar-se dos mesmos na busca de um entendimento geral dos temas aqui tratados.

Para entender a construção do conceito de gênero e sexualidade e submergir nas discursões sobre o tema, é preciso lembrar de que essas questões são advindas da modernidade. Foi a partir dela que se começou a pensar e discutir sobre o assunto; mesmo a sexualidade estando presente em toda a história da humanidade, Foucault (1988, p. 36) escreve que “[...] o que é próprio das sociedades modernas não é terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim terem se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo”.

Tomando a partir da leitura foucaultiana percebe-se que no século XVII, os assuntos de sexualidade se limitavam aos quartos escuros dos pais, baseando-se em uma moral vitoriana, onde a sexualidade era muda e contida, período este, onde a sociedade burguesa viveu uma verdadeira repressão sexual. No século XVIII uma abertura crescente que perdura até

tempos hodiernos para a discussão de assuntos sobre o sexo por parte de instituições como a igreja, a escola, a família e até o consultório médico, que buscavam proibir e controlar a população, trazendo a noção de controle do ato sexual, controle da natalidade e das questões da gravidez precoce e qual a idade ideal da primeira relação sexual, reduzindo a sexualidade apenas a questões biológicas. A sociedade por motivos econômicos e de visão de futuro começa a pensar e discutir sobre sexualidade, mesmo que de forma discreta e reducionista (FOUCAULT, 1988). Porém os estudos foucaultianos centram-se na Europa, sendo este localizado e não podendo ser universalizado. No entanto nos oferece uma possibilidade de leitura.

No século XIX a luta das mulheres, em especial pelo movimento sufragista<sup>2</sup>, deu início ao que chamamos hoje de feminismo, que traz à tona estudos e discursões sobre os aspectos sociais e as representações construídas sobre os sexos. Utilizando-se do conceito de gênero e trabalhando os papéis de homem e mulher não por um viés reducionista, onde se levava em consideração apenas aspectos biológicos, como nos séculos passados, mas, como construção social e componente da identidade dos sujeitos, sendo plurais e diversas as formas de representação de ser homem e ser mulher (LOURO, 1997).

Simone de Beauvoir, contribui com a noção de gênero como componente da identidade das pessoas e de sexo vivido, onde o sexo não seria algo puramente biológico, mas algo vivido dentro de uma cultura, trabalhando ainda com a noção homogenia e unitárias de sexualidade (BEAUVOIR, 1949).

A partir do feminismo, Louro (1997) conceitua gênero aliado aos sentidos linguísticos e de luta, nos atentando que não é sob as características sexuais que o ser masculino e feminino se construirá, mas nas representações e valorizações desses conteúdos, concluindo que ao analisarmos as relações de homens e mulheres em uma determinada cultura, é importante observar as representações sociais construídas sobre os sexos e não somente nos sexos. O conceito de gênero apresentado acima abarca, além das questões biológicas, questões sociais e históricas, levando em consideração que as representações sobre os sexos seriam colocadas dentro do contexto das práticas sociais, tornando-as componentes do processo histórico da cultura e dos indivíduos.

Contrapondo a noção já apresentada, Butler (2003) acrescenta e critica a construção do conceito de gênero quando questiona se os sexos também não seriam uma construção histórica, agregando finalmente a biologia ao campo do social, apresentando outra possibilidade frente a velha dicotomia entre sexo e gênero. A teórica ainda acrescenta que gênero não deve ser visto apenas como as representações sociais inserida nos sexos, indo muito além, colocando a noção de flexibilidade na relação sexo e gênero, se despreendendo na noção binária ocidental de sexualidade.

O movimento feminista luta por igualdade de gênero, sendo que no mesmo cenário histórico com contribuições do movimento feminista surge um movimento em prol da causa LGBT, onde gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros entram na luta por seus direitos. Essas ditas minorias foram alocadas em posições de vulnerabilidade sob a óptica de todos os tipos de violência, tal contexto tem seu grau de complexidade elevado, uma vez que no Brasil não existe uma legislação que ampare de forma plena a essa comunidade, Borrillo (2001) acredita que a base da não aceitação da pessoa LGBT se encontra na diferenciação construída historicamente de um “eu

2 O termo sufragismo remete ao direito de participação nos processos eleitorais, nesse sentido, o movimento sufragista feminino refere-se às lutas realizadas a fim de conquistar o direito de participar das decisões políticas.



civilizado” e um “eu selvagem” que por sua vez seriam as raízes dos conceitos de “aceitável” ou “inaceitável”, sendo que essa não aceitação e violação dos direitos das pessoas motivadas pelo desrespeito a orientação sexual ou identidade de gênero real ou percebida é chamada de homofobia (UNESCO, 2013).

O conceito de homofobia foi trabalhado inicialmente por K. T. Smith, em 1971, com o objetivo de descrever as características nosológicas de alguém que era considerado homofóbico, o conceito estava mergulhado em um viés clínico. No ano seguinte, o psicólogo clínico George Weinberg trabalha com um conceito de homofobia mais estruturado e aceito socialmente. O autor agregou os dois radicais gregos no sentido de homo como semelhantes e fobia sendo medo, o medo de homossexuais ou homossexualidades e trabalhou o conceito baseado em vertentes clínicas. A homofobia foi vista por muito tempo como o medo de permanecer dentro de um lugar fechado com pessoas homossexuais, sendo que o termo estava mais ligado à psicopatologia e somente a ela (BORRILLO, 2001).

Weinberg tratou a homofobia para além do medo, colocando-a como ódio, aversão, desprezo e desconfiança a pessoas homossexuais, sendo que o conceito ainda estava preso e reduzido a uma única causalidade que seria a de cunho emocional, sendo ela negativa e psicológica. Nesse viés clínico, acreditava-se que essas emoções negativas, em alguns casos, seriam de base inconsciente, compreendendo a homofobia como uma resposta desse inconsciente ao desejo homossexual presente, compondo como um sintoma da homofobia a fuga da presença de homossexuais ou do próprio universo homossexual, nesse sentido a homofobia enquadra-se como doença, decorrente de um discurso totalmente medicalizado. As discussões na sociedade permaneciam a todo vapor, alguns defendiam a homofobia como doença, livrando a homossexualidade desse viés patológico, e outros, ao contrário, colocavam a homossexualidade como doença, livrando a homofobia desse estigma (JUNQUEIRA, 2009).

Vale ressaltar que no ano de 1973, depois da conceituação de homofobia por George Weinberg, a Associação de Psiquiatria Americana (APA) retira a homossexualidade de seus manuais de diagnósticos, sendo modelo para a Organização Mundial de Saúde (OMS) que, no ano de 1990, retira a homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças (CID). Lopes (2004) traz a ideia de que a homofobia deixaria de ser vista como algo negativo apenas para questões de homossexualidade, ou seja, de cunho de orientação sexual, mas toda a comunidade LGBT. Apresenta-se a noção de gênero defeituoso, compreendendo que esse pensamento seria um medo da perda das figuras construídas historicamente de homem e de mulher. Borrillo (2011) trabalha o conceito de homofobia subdividindo-o e relacionando-o com outros tipos de preconceito como o racismo, misoginia e sexismo. Para o autor, a homofobia seria expressões e sentimentos de repulsa ou hostilidade a toda a pessoa tida ou percebida como LGBT.

### 3 AS VIVÊNCIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA E A HOMOFOBIA

Alguns mecanismos sociais colaboraram e colaboram para manutenção de espaços geradores de homofobia na sociedade. Em se tratando de homofobia e religião, vale recordar principalmente as crenças de base judaica e cristã que tem a heterossexualidade como normalidade, trazendo uma visão negativa da pessoa LGBT. Filho (2009) destaca que ao longo da história o preconceito tornou-se a forma de opinião religiosa, envolvida na crença naturalista de sexualidade, onde

a heterossexualidade é a forma apresentada como herdada da própria natureza, compreendendo essa natureza como uma criação divina, onde tudo aquilo que se afastar dessa forma natural de existir, não contraria somente a natureza, mas sim a palavra “sagrada de Deus”, nesse sentido a pessoa LGBT é percebida nas comunidades religiosas, adentrando o campo dos pecados graves, anomalias, depravações, entre outras denominações de cunho negativo.

As Ciências Médicas e Sociais integraram as discussões sobre a sexualidade como um fato científico, podendo ser reconhecida, estudada e normatizada, demonstrando que a divisão entre homens e mulheres, ou seja, dos respectivos sexos, estaria presente nos primórdios da organização social, trabalhando na relação natureza-cultura, delimitando seus espaços sem a inclusão de pessoas não heterossexuais e de gêneros não aceitos.

No âmbito político, o liberalismo apresenta a noção de público e privado, colocando a homossexualidade no âmbito do privado, sendo ela algo íntimo, afastando-a das relações mais públicas e sociais e mantendo-a como anormalidade, também o fascismo, nazismo e estalinismo, na formação ou manutenção da raça superior, colocavam a homossexualidade como selvageria e necessária de higienização (FILHO, 2009).

A escola como espaço de socialização, onde acontecem diariamente encontros, desencontros, contatos, comunicações e diversidades em vários sentidos, inclusive em gêneros e sexualidades, também não podemos esquecer que a escola compõe a rede de mecanismos sociais de subjetivação, sendo influenciada por outros mecanismos como a religião, ciência e a política, e que como instituição se apresenta como lugar restritivo que, na maioria das vezes, não cumpre seu papel de espaço propício as diversidades por conta de suas normas e regras. Sabemos que atualmente o Brasil vivencia um debate político pelo qual a Escola não configura-se enquanto centro do debate, apenas cenário de disputa, onde muitos irão defender que a escola não deve trabalhar com o que se chama de “ideologia de gênero”.

Junqueira (2009) afirma que, no decorrer da história da escola brasileira, a mesma se constituiu em pressupostos de bases tributárias de uma força gigantesca, onde se caracteriza por um vasto conjunto de crenças, valores e normas que se colocam como responsáveis pela construção do outro, limitando-o, considerando-o inferior, estranho, doente e criminoso, todas as pessoas que se distanciassem daquilo que seria o ideal social, trabalhando sobre as noções do masculino, branco, burguês, heterossexual, com questões físicas e mentais consideradas sadias, o autor ainda complementa que a escola se construiu em um lugar onde se oprime, discrimina e é celeiro de preconceitos, onde existe um quadro de violências atingindo milhões de jovens LGBT. Essa população vive de maneira distinta, situações delicadas e vulnerabilidades no âmbito social.

Além de ditar normas e regras a escola delimita e forma seus próprios espaços, servindo-se de símbolos e códigos, ela mostra o que cada um pode ou não pode fazer através de seus quadros, crucifixos, santos e esculturas, aponta aqueles e aquelas que são apresentados como modelos (LOURO, 1997). Quando a escola faz uso de suas normas e simbologias para uma construção do sujeito tido como ideal, ou adequado as normas, aqueles que não se enquadram nesse modelo são vistos como anormais, assim abre-se espaço para a manifestação da homofobia, que, por sua vez, ocasiona danos diversos aos estudantes que não se enquadram no modelo.

A UNESCO em pesquisa sobre o perfil dos professores brasileiros, organizada no ano de 2002 em todo o país, com cinco mil professores entrevistados da rede pública e privada,



revelou que 59,7% deles considerava inadmissível a relação homossexual e 21,2% deles tampouco gostariam de possuir vizinhos homossexuais (JUNQUEIRA, 2009).

É exatamente como alguém fora da norma que a pessoa LGBT é vista dentro do ambiente escolar, excluída como se fosse uma patologia contagiosa, os outros criam uma resistência ao contato, pois na imaginação das pessoas a aproximação seria uma adesão à prática ou à identidade LGBT (LOURO, 1999). É perceptível que a homofobia no ambiente escolar é um problema mundial, em dezembro de 2011 no Brasil foi realizada a primeira consulta pública das Nações Unidas sobre bullying homofóbico em instituições de ensino ou homofobia escolar. A pesquisa também foi realizada em mais de 25 países (UNESCO 2013).

## 4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A abordagem utilizada é de cunho qualitativo, onde não foi importante a coleta de dados numéricos, mas registro de experiências vivenciadas em diários de campo além da compreensão do objeto de estudo que por sua vez não pode ser quantificado buscando o entendimento da totalidade do fenômeno e entendendo que o subjetivo é o caminho para se compreender as devidas experiências. Entendo que a natureza da pesquisa é exploratória, onde se procurou adentrar na realidade pesquisada, tornando-a mais clara, se configurando enquanto uma pesquisa intervenção (GIL, 2007).

A pesquisa-intervenção surge nas bases das pesquisas participativas e tem como objetivo vivenciar a busca de investigar a vivência de coletividades nas suas diversidades qualitativas, construindo-se em visões socioanalíticas no tocante que nesse tipo de pesquisa sempre se percebe vínculos entre as bases teóricas e as bases sociais dos conceitos. As pesquisas-intervenção trabalham no sentido de transformação de uma realidade sociopolítica, ou seja, procuram realizar uma intervenção, que seria o ponto de partida para se conhecer o fenômeno, transformar para se conhecer, naturalmente na pesquisa-intervenção se abre espaço para os fatos conflituosos e causadores de tensões, acreditando que eles oferecem possibilidade de mudança. Aspectos como a rede de poder e o jogo de interesses presentes no campo de pesquisa são de fundamental importância e devem ser o alvo da pesquisa-intervenção no sentido de que eles são efeitos das ações cotidianas. O pesquisador busca uma relação dinâmica, próxima e envolvida com os sujeitos da pesquisa, se colocando como membro daquele grupo para melhor adentrar a realidade pesquisada (ROCHA, 2003).

Os sujeitos da pesquisa foram dez alunos do ensino médio, sendo de sexos, gêneros e sexualidades variadas e de idade entre 14 e 20 anos, preenchendo os requisitos: está devidamente matriculado na escola local da pesquisa, se colocar disponível para participação na pesquisa sendo que a metodologia utilizada para o recrutamento desses sujeitos foi técnica snowball ou bola de neve, um sujeito inicialmente convidado indicando outros sujeitos para compor o grupo da pesquisa. Todos os participantes apresentaram o termo de consentimento livre, prévio e informado devidamente assinado se prontificando em participar da pesquisa. O local escolhido para pesquisa foi uma escola pública de ensino médio, da rede estadual, da cidade de Juazeiro do Norte sendo que o núcleo gestor na pessoa da coordenadora pedagógica da escola assinou o termo de anuência favorável à realização da pesquisa em seu espaço.

A coleta de dados se deu a partir da realização de duas oficinas previamente selecionadas e adaptadas de cartilhas do Ministério da Saúde (BRASIL, 2011), tendo como tema

central gênero e sexualidade. Tais cartilhas são advindas de Políticas Públicas destinadas a juventude, mais especificamente do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), que têm como objetivo central desenvolver estratégias de promoção dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos, de promoção da saúde, de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, do Vírus da Imundo Deferência (HIV) e da Síndrome da Imundo Deficiência adquirida (AIDS), e da educação sobre álcool e outras drogas, com adolescentes e jovens escolares, por meio do desenvolvimento articulado de ações no âmbito das escolas e das unidades básicas de saúde. Acreditando que adolescente aprende mais com adolescente, tais cartilhas trazem em linguagem clara e de forma lúdica, intersecciona Saúde e Educação através de vários temas que são contextualizados e discutido

A partir da adaptação e aplicação das devidas atividades foi realizado o registro em um diário de campo (FRIZZO, 2010) contendo aspectos advindos dos debates e discussões de cada oficina que foram analisados posteriormente. A análise dos dados foi feita a partir de tais relatos registrados, organizadas em categorias definidas posteriormente se configurando enquanto uma análise de conteúdo (BARDIN, 2009). As duas categorias foram estabelecidas após a realização da pesquisa, sendo:

- 1) os conhecimentos sobre gênero e sexualidade;
- 2) vivência de gênero e sexualidade na escola;
- 3) as questões de homofobia.

Os sujeitos de pesquisa foram selecionados previamente por predisposição e interesse pela temática, assinando termo de consentimento livre esclarecido, totalizando dez alunos. As duas oficinas realizadas na escola tematizaram as questões de gênero, sexualidade e homofobia ocorreram no contra turno com a finalidade de resguardar os alunos participantes de ausência na sala de aula. A primeira oficina trabalhou questões de diversidade, diferenças, gênero e sexualidade, onde se pediu que cada participante apresentasse duas características pessoais que percebiam diferentes dos demais participantes, a partir da análise dessas diversidades se iniciou o debate sobre os conceitos de gênero e sexualidade.

A segunda oficina tematizou os estereótipos e homofobia, onde foi colocado ao alcance dos participantes, fichas com rotulações como gay, heterossexual, travesti, não gosto de gays entre outros, cada aluno tirava uma placa e o grupo comentava sobre o rótulo, a partir das discussões dos rótulos se trabalhou a noção de homofobia dos participantes. As oficinas aplicadas na intervenção foram adaptadas da coleção adolescentes e jovens para a educação em pares do Ministério da Saúde com foco nas partes relacionadas à diversidade sexual e de gênero (BRASIL, 2011). Os materiais usados nas oficinas se resumiram a folhas de papel A4, placas com estereótipos feitas de cartolina, pincel e canetas.

Conforme indicado acima, desenvolveu-se uma intervenção composta por duas oficinas adaptadas a partir de manuais do Ministério da Saúde que trabalham com as questões de gênero e sexualidade (BRASIL, 2011), essas oficinas foram aplicadas em uma escola de ensino médio, de grande porte da rede estadual de ensino, localizada na cidade de Juazeiro do Norte, Ceará. Os participantes foram escolhidos a partir da técnica snowball, sendo que um aluno indicava outro, selecionados o total de dez alunos para realização das oficinas. A princípio não determinou como pré-requisito denominar-se homossexual, mas sim interesse em falar sobre os temas em questão.

A análise do resultado da pesquisa, de conteúdo, se concentrou em duas seguintes categorias fixadas após a realização da pesquisa, sendo elas: 1) o conhecimento sobre



gênero e sexualidade, apresentadas na primeira oficina e 2) a vivência de gênero e sexualidade na escola e 3) as questões de homofobia apresentadas na segunda oficina.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na primeira oficina, denominada diversidade, gênero e sexualidade, foram trabalhados os conhecimentos sobre os respectivos conceitos, sendo esta a primeira categoria da análise de conteúdo, onde apenas cinco dos dez participantes compareceram, os mesmos não se conheciam a princípio, mas aos poucos foram interagindo. Entregou-se papéis e canetas para os mesmos, e solicitou-se que escrevessem dois aspectos de sua personalidade que seriam, em sua concepção, diferentes dos demais que participavam da atividade.

Como resposta os alunos escreveram características relacionadas a seu corpo, como a fala ou o cabelo e sobre aspectos de sua personalidade como o humor e a resiliência. Depois, iniciou-se um debate sobre as diferenças apresentadas trazendo como foco a existência da diversidade de pessoas e as questões de gênero e sexualidade. Os participantes demonstraram não saber definir e discutir sobre os conceitos de gênero e sexualidade e expressaram claramente que não encontram espaços para discutir sobre esses temas na escola, mesmo considerando serem assuntos necessários. Louro (1997) expõe que a escola delimita seus espaços, não existindo lugar para aqueles assuntos que problematizem algo que não estaria dentro da norma social como questões de gênero e sexualidade. Na concepção de um dos alunos, gênero seria uma coisa passageira e sexualidade, algo eterno, outra trouxe a noção que gênero seria aquilo que se constrói ao longo da vida e sexualidade aquilo com o qual nascemos, algo inato, concepções de senso comum que consideram o gênero como cultural e o sexo como natural ou inato.

Quando adentrou-se as questões de sexualidade e gênero, um dos alunos expôs sua opinião quando citou que nas questões de orientação sexual a sociedade e até a escola onde estuda “pega bem mais leve”, mas quando se trata de gênero isso se complica. Ele relatou que em sua rua reside um transexual e que ele não sai de casa, não tem vida social e nem amigos, sua casa é sempre fechada, observou que essas questões estão sempre escondidas, que não se tem discussão e que não entende muito. Considera-se que, se relaciona às questões já discutidas sobre os mecanismos que colaboram para a manutenção da homofobia, nesse caso as questões políticas construídas na noção de público e privado do liberalismo, como apresentados por Filho (2009). O estudante complementou que na escola existem vários homossexuais assumidos e que alguns deles não falam ou assumem sua sexualidade. Ele considerou que a sociedade não consegue aceitar qualquer um que se apresente como LGBT pelo fato de estar tão distante da realidade e da vida cotidiana.

Uma das alunas concordou com o posicionamento acima e complementou que, mesmo no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), as pessoas fogem da discussão sobre gênero, relata que viu nas redes sociais e em comentários de pessoas próximas a rejeição para com a questão que trata da identidade de gênero e a violência contra a mulher, descreve ainda que não consegue entender a posição retrograda da sociedade. Borrillo (2011) trata sobre a construção da visão negativa que parte da sociedade sustenta quando se trata de questões de gênero e sexualidade.

Um dos participantes ressaltou a importância daquele debate, pois nunca havia participado de um debate sobre o tema. Afirma ser um assunto importante, informando que, durante sua vida, só falou sobre assuntos de sexualidade na

escola, em disciplinas isoladas que tocavam na temática da educação sexual. No entanto tal disciplina se resumia às questões acerca de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), e como utilizar o preservativo, o que não tira a importância, mas sentia falta de espaços como esses, dentro de sua escola. Outro sujeito da pesquisa relata que, às vezes, conversa com amigos sobre o tema. Um dos participantes comenta que só veio conhecer mais sobre os assuntos quando mudou-se para a escola atual, onde conheceu algumas pessoas com mesma orientação sexual e isso foi muito bom para ele. Visto que o mesmo se identifica como homossexual. A discussão da primeira oficina foi encerrada com a seguinte fala de um dos participantes: “não podemos parar, temos que discutir mais sobre esses assuntos”.

Na segunda oficina, estavam presentes apenas quatro participantes e se discutiu rótulos, diferenças e homofobia, se trabalhando a vivência de gênero e sexualidade na escola e as questões de homofobia, concretizando-se na segunda categoria da análise de conteúdo, onde foi exposto ao campo visual dos participantes várias placas com rótulos, onde solicitou-se para que cada participante escolhesse um rótulo e falasse sobre o que considerava que a sociedade pensa sobre o termo (ou o rótulo) escrito, colocando também seu ponto de vista.

O primeiro rótulo foi: “Eu não me rotulo”. De imediato, os participantes riram e colocaram que o fato de não se rotular já seria um rótulo, pois já se estaria assumindo uma posição, citam um caso de um dos colegas de sala que diz não sentir desejo por meninas e nem por meninos, o grupo de forma homogênea via o “não se rotular” como uma fuga quando se trata de sexualidade, como uma forma de defesa contra homofobia. Quando se trata dessas questões de defesa Junqueira (2009) discursa que a escola não tem se colocado como lugar seguro para comunidade LGBT, privando jovens de viver sua liberdade de gênero e sexualidade por medo de retaliações.

O segundo rótulo era: “Não gosto de Gays”. Um dos alunos relata que esses são as piores pessoas, que em uma de suas voltas para casa um de seus colegas viu um “gay mais escandaloso” e falou para ele: “raça que não presta!” colocando que não tem nada contra, “mas...”, segundo os sujeitos de pesquisa esse “mas...” seria uma forma de preconceito. Quando se traz para a realidade da escola, onde relatam que sofreram com o afastamento de colegas por “assumirem” suas sexualidades desviantes da norma vigente ou por apenas conviverem com gays. Contrapondo a isso alguns citam que também encontram na escola pessoas que assumidamente não concordam com uma educação inclusiva para pessoas LGBT, mas que convivem de forma harmônica dentro da escola, “Eu não apoio, mas respeito” cita uma das participantes, apresentando que esta seria uma frase de um grande amigo seu. O grupo debate que esse pensamento seria homofobia ou não, chegam à conclusão que não, citando que as diferenças não são e nem foram motivos de acabar com a amizade, sendo uma relação de respeito, levando a ter a convicção que nesse momento os participantes a partir de suas vivências problematizaram gênero e sexualidade dentro da escola.

Um dos alunos relata que tem cautela quando vai revelar sobre sua sexualidade, afirma que as pessoas que sabem, ele confia plenamente, sendo que o fato de confiar nessas pessoas afastaria a possibilidade de retalhamento por parte de outros. Uma das alunas relata que é lésbica e tinha várias amigas heterossexuais, no entanto a partir do conhecimento de sua sexualidade se afastaram por pensarem que a mesma iria se apaixonar por elas. O grupo relata que vários de seus amigos já perderam amigos de longa data por assumirem sua homossexualidade. Um dos participantes cita um caso que



aconteceu na escola, onde uma pessoa que assumiu sua homossexualidade foi motivo de chacota e brincadeiras dentro da sala de aula, chorava muito pensou em abandonar a escola, faltando vários dias de aula, sendo este um caso de muito sofrimento, nesse momento fica claro a homofobia no contexto escolar e o medo dos estudantes de assumirem sua sexualidade ou até serem vistos juntos a pessoas LGBT por medo de homofobia, seria a fala de Junqueira (2009) que a comunidade escolar e a sociedade em geral estão alicerçadas na heteronormatividade, sendo aquilo que se diferencia dessa norma, inferior, doente ou anormal.

A próxima rotulação “sou lésbica, mas ninguém sabe” o grupo coloca de imediato “A encubada” que tem medo ou foge de vivenciar a sexualidade, relatam que há casos na escola de pessoas assim, que todos falam e sabem, mas essas pessoas não assumem, veem isso como uma fraqueza.

A palavra subsequente seria “Sou afeminado” um dos participantes imediatamente fala com ar de sofrimento, “eu me acho muito afeminado”, o mesmo relata que tem preconceito com gays assim e que afeminados querem se assemelhar a uma mulher e por isso hoje tem tantas pessoas que não gostam de gays. Uma das participantes relata que não só os heterossexuais tem essa visão, mas isso acontece muito dentro da comunidade LGBT, que os próprios, tem essa visão que ser afeminado é feio, relata que a frase “não fico com afeminados” faz parte do meio LGBT, relata que a homofobia de LGBT com LGBT existe e se configura dessa forma, que afeminados é um exagero, algo que excede e isso gera a homofobia, quando se questionou sobre se ser afeminado seria um problema eles se questionaram, colocaram que é exagerado mas não havia problema, que o problema estaria nos outros, falaram como ponto positivo de afeminados, o fato de eles serem corajosos por assumirem de vez sua sexualidade, relatam que tem amigos assim e por ser chamativo é o maior alvo de homofobia,

Outra participante que se apresenta como lésbica relata que não tem amigas masculinizadas e tem problemas com mulheres assim, mostrando algo subjetivo, os relatos citados sobre o parecer com mulheres ou possuírem um comportamento mais feminino estariam relacionados ao conceito de gênero e a visão social do feminino já discutido anteriormente, apresentada por Louro (1997).

A próxima placa foi “sou travesti” relatam adjetivos como: Diva, Finíssima, Mona etc., relatam que é difícil debater sobre, pois não faz parte da realidade deles, nem na escola, a ideia que o grupo tem é que também por ser algo mais explícito seria um grande alvo da homofobia. A próxima afirmava “Sou Lésbica!” uma das participantes se pronuncia “Eu”, o grupo relata que aceitaria uma lésbica, relatam que é mais fácil ser lésbica que gay, a participante que de antemão se colocou como lésbica relata que não, que no geral tudo é difícil, todos estão propícios a homofobia

A próxima placa apresenta a frase “sou Gay e ninguém sabe” colocam ser complicado, pois se tem muitos garotos na escola que tem jeito e dizem que não são, mas segundo uma das participantes, todos sabem, fala que isso também revela medo de homofobia. Na próxima plaqueta sai “Sou transexual” relacionam a transexual a dificuldades e sofrimentos, colocam que esse tipo de pessoas são guerreiras por realmente mostrarem o que são, que nesses casos a homofobia é extrema, que de início a luta é contra seus próprios preconceitos, depois o do mundo, um dos participantes relata que é uma constante transformação.

A próxima afirmação “Sou Gay”, provoca um dos participantes que relata que hoje em dia é mais fácil ser gay, continua colocando que os gays sabem com quem andar,

formam grupos e sabem se comportar, isso os fortalece mais, escolhendo pessoas confiáveis para se relacionar, talvez até pessoas que tem a mesma orientação sexual, coloca que na família é o lugar que ainda é muito complicado e que é lá onde as primeiras manifestações de homofobia acontecem, colocando que o pensamento que a pessoa LGBT é ruim está enraizado nas famílias e na sociedade, nos lembrando a posição de Borrillo (2011), quando fala na construção do pensamento homofóbico.

Um dos participantes coloca que pelo fato de sua mãe ser religiosa ela tem um posicionamento mais conservador, já ouviu a mesma falar mal acerca do assunto. Duas pessoas do grupo falam que são evangélicos e frequentam suas igrejas normalmente, explicam que já viveram situações frustrantes quando em cultos se falava muito mal de homossexuais, uma delas fala que se sente bem quando eles não estão julgando, ambos gostariam que as igrejas despertassem nas pessoas um bem-estar social e não reprimir aspectos da vida, nos lembrando da posição de Filho (2009) destacando que ao longo da história o preconceito tornou-se a forma de opinião religiosa, envolvida na crença naturalista de sexualidade.

O próximo rótulo, “Sou heterossexual”, causou de imediato no grupo o pensamento de que não existe dificuldade em ser heterossexual, um dos participantes coloca que o objetivo dos gays nunca foi transformar um heterossexual em homossexual, mas os heterossexuais sempre querem transformar os gays, o problema se encontra aí. A próxima placa sai “Sou Mulher” colocam que ser mulher também é difícil em nossa sociedade quando se trata de ser dona do corpo, do trabalho e outros, enfim relatam que muito se conquistou, “mas ser mulher ainda é difícil, imagine alguém com traços de mulher?” Colocam que a homofobia também está ligada a isso, a mulher já é considerada uma figura negativa na sociedade, imagine um homem que parece com mulher, fica um questionamento. Por fim o grupo coloca que a homofobia seria a falta de respeito à pessoa LGBT ou vista como, e essa falta de respeito se manifesta de várias formas como o afastamento, a agressão verbal e até mesmo agressões físicas em casos extremos.

Diante dos relatos dos participantes da pesquisa, se percebeu que a vivência de gêneros e sexualidades dentro do contexto escolar, que seria a pergunta inicial, é limitada, pautada no medo de mostrar traços de sua personalidade, no sofrimento de perder amigos e pessoas queridas, além das agressões verbais e físicas. Foi percebido que quando iniciado os debates os participantes se sentiam aliviados em ter oportunidade de falar, além disso, de serem ouvidos, ficou claro que na escola não se discute esses temas, muito menos se abre espaço para a expressão de gêneros e sexualidades em seus ambientes, o ideal seria se esse espaço existisse, não somente com o objeto de pesquisa, como foi esse, mas um espaço seguro para essas vivências e por quê não pensar em uma escola segura, onde todos pudessem ter seus espaços, onde todos aprendessem além de fórmulas matemáticas e regras gramaticais, que a diversidade de pessoas agrega e não segrega.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os assuntos de gênero, sexualidade e homofobia discutidos nesse estudo ainda encontram muita resistência dentro de instituições sociais como a escola, vários estudantes nem sabem do que se trata, muitas vezes pela própria falta de espaços e momentos para essa finalidade. A escola escolhida como campo de pesquisa não mostrou obstáculos para a realização das atividades aqui apresentadas, trazendo a reflexão sobre as mudanças, em passos lentos, onde as



comunidades escolares estão reconhecendo a importância e a necessidade de se conhecer e discutir esses assuntos.

Partimos da problemática de como acontece a vivência de gênero e sexualidade dentro do contexto escolar e a conclusão que chegamos é que essas vivências continuam sendo sofridas, colocadas no âmbito do privado, tratadas como desvio ou doença, uma verdadeira fuga de alguns e refúgio de outros, onde a homofobia é real, causando danos de todas as proporções na vida dos alunos. Por outro lado, a comunidade LGBT dentro da escola busca fortalecimento por meio da criação de vínculos de amizades, onde os mesmos compartilham suas experiências, sentimentos e expectativas, uns dos únicos momentos em que encontram espaço para discutir sobre sexualidade, construir conhecimentos sobre esses assuntos e para serem realmente quem são sem medo de retaliação.

A devida intervenção tinha como objetivo problematizar assuntos como a vivência em relação à diversidade de gêneros e sexualidades no contexto escolar, conseguindo proporcionar um ambiente seguro para que aquele grupo de alunos do ensino médio pudesse pensar e se colocar diante de suas experiências quando se tratava de seus conhecimentos e vivências de gênero e sexualidade, discutindo, contribuindo e construindo saberes a partir da problematização dessas questões, no tocante ao objetivo geral desse trabalho se conclui que o mesmo foi alcançado com êxito. Declaro esse trabalho introdutório, sendo ele a chave para abrir outras portas, outras possibilidades de pesquisa e amadurecimento da vida acadêmica e profissional, contudo já pude concluir que esse tema ainda precisa ser problematizado, de forma coerente e responsável dentro da nossa sociedade. No campo das ciências psicológicas, essas questões ainda se manifestam com muita timidez, sendo desejo meu contribuir para que sejam difundidas e debatidas dentro da área,

Para finalizar, resalto que a pesquisa foi de grande importância para a construção acadêmica e profissional do pesquisador. Sou consciente de que aprender é um processo contínuo, entende-se a mesma como uma etapa concluída e não um processo finalizado, estando aberta para modificações e amadurecimento, sendo esse crescimento parte de um crescimento pessoal.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa. Portugal. Edições 70, LDA. 2009
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Paris: Éditions Gailimard, 1949.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte, Autentica Editora, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, AIDS e Hepatite Virais. **Adolescentes e jovens para a educação em pares: Diversidade Sexual**. Brasília, 2011.
- BRASIL. Secretaria dos Direitos Humanos. **Relatório Violência Homofóbica**. Brasília, 2012.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro. Civilização brasileira. 2003.
- Conselho Federal de Psicologia. **Psicologia e diversidade sexual: Desafios para uma sociedade de direitos**. Conselho Federal de Psicologia. Brasília, 2011.
- FELIPE, Jane; BELLO, Alexandre Toaldo. Construção de comportamentos homofóbicos no cotidiano da educação infantil. In.: Rogério Diniz (Org). **Diversidade Sexual na Educação: problematização sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: MEC/SECAD, 2009.

FILHO, Alípio de Souza. Teorias sobre a gênese da homossexualidade: Ideologia, preconceito e fraude. In.: Rogério Diniz (Org). **Diversidade Sexual na Educação: problematização sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: MEC/SECAD, 2009.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade**. Vol. 1: A vontade de saber. 11 Ed. Rio de Janeiro. Graal 1988.

FOUCAULT, M. A impossível prisão – mesa redonda 1978. In: **Ditos & Escritos IV: Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FRIZZO, K. R. Diário de campo: Reflexões epistemológicas e metodológica. In J. C Sarriera. E. T. Saforcado (ORG). **Introdução a psicologia comunitária – Bases teóricas e metodológicas**. Porto Alegre: Sulina. 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In.: Rogério Diniz (Org). **Diversidade Sexual na Educação: problematização sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: MEC/SECAD. 2009.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. **Homofobia & Educação: Um desafio ao silêncio**. Brasília. Letras Livres; EdiUnB, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1997.

ROCHA, Marisa Lopes. **Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises**. Psicologia, ciência e profissão. 2003.

UNESCO. **Boas políticas e práticas em educação, em saúde e HIV**, caderno 8, resposta do setor educação ao bullying homofóbico. Brasília, 2013.



**ABSTRACT:** Beyond of teaching and learning, the School, from the perspective of the National Education Plan (2014-2024) should be a cultivator of socialization, providing safe spaces for encounters, misunderstandings, contacts, communications and diversities. Far from this reality, the Contemporary School composes a network of social mechanisms for the formation of subjects and presents it self as a restrictive place that, for the most part, does not fulfill its role as cultivator of diversity, acting for the fulfillment of its norms and rules socially built, putting the margin all those who do not fit your ideals. This work meant to problematize gender and sexuality in the school context with focus on the issues surrounding homophobia, presenting itself as a qualitative research and exploratory nature, in the form of intervention research. For that, workshops were realized at high school in the city of Juazeiro do Norte - Ceará. The data obtained were organized into categories, such as: the experiences of gender and sexuality within the school and homophobia, and, finally, an analysis of this content was built. It is concluded, therefore, that the experiences of gender and sexuality in the school are based on fear, suffering and violation of rights, where there is no space propitious to the discussion of such subjects or knowledge of such experiences.

*Key Words. Homophobia. Gender. Sexuality. School.*